

MÚSICA E DITADURA NO MARANHÃO: CANÇÕES COMO ELEMENTOS DE CONTESTAÇÃO A PARTIR DO AI-5.¹

Wilson Pinheiro Araujo Neto²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar algumas canções que expressavam a resistência do meio musical brasileiro frente à aprovação governamental, em 13 de dezembro de 1968, do Ato Institucional nº 5 pela ditadura civil militar então no poder. A proposta é traçar um panorama geral da sociedade maranhense em meio ao fulgor do AI-5 e perceber em que momento a música se manifesta de forma mais efetivamente contestando o ato. Analisaremos algumas canções que estavam diretamente associadas a esse momento histórico caracterizando-as em meio, principalmente, a uma perspectiva social.

PALAVRAS CHAVE: DITADURA CIVIL MILITAR, RESISTÊNCIA, MÚSICA.

ABSTRACT

This article aims to analyze some songs that expressed the resistance of the musical Brazilian forward to government approval, on 13 December 1968 Institutional Act No. 5 by civil military dictatorship then in power. The proposal is to draw an overall picture of society maranhense amid the glow of AI-5 and realize that when the music manifests itself most effectively challenging the act. We'll review some songs that were directly associated with this historic moment characterizing them in half, mainly a social perspective.

KEY WORDS: CIVIL MILITARY DICTATORSHIP, RESISTANCE, MUSIC.

¹ Esse trabalho faz parte das pesquisas que venho desenvolvendo como membro do Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea (NUPEHIC) na linha de pesquisa **Ditadura Civil Militar: Terror de Estado e Aparelhos de Repressão no Maranhão** sob a orientação da Prof^a Dr^a Monica Piccolo.

² Graduando de História da Universidade Estadual do Maranhão.

“Às vezes faço vista grossa... Faço por quê? Faço. Faço pra conseguir fazê-las...”.
 Igor Matos, *Reflexão opressora 1965-Ditadura Militar*.

INTRODUÇÃO

Mediante vários questionamentos, tanto nas discussões em sala de aula no ensino médio ou até mesmo na Academia, surgem algumas perguntas pertinentes a Ditadura civil Militar implementada no Brasil através do golpe que destituiu João Goulart em Março de 1964: Quais foram as influências da ditadura na Sociedade Maranhense? Quais foram seus aspectos sobre a sociedade Ludovicence? Teria Havidido em São Luís do Maranhão pólos de resistência tão importantes quanto aos que se formavam no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades do Nordeste? Se houve resistência, qual o papel desempenhado pela produção cultural, e mais especificamente, pela música nesse processo?

Partindo do pressuposto que também aqui em São Luís constituíram-se importantes instrumentos de resistência à atuação dos aparelhos de Repressão postos em funcionamento pela ditadura Civil Militar, nos propomos a investigar o papel que a produção musical teve na resistência civil diante, principalmente, ao novo ordenamento político consolidado a partir da implementação do Ato institucional nº5.

O principal instrumento de análise para a produção deste artigo são algumas canções cantadas e muitas vezes “contadas”³ por artistas maranhenses que independente dos locais em que eram difundidas no Brasil, retratavam as condições políticas, sociais e culturais do Maranhão no cenário da Ditadura. Nesse contexto podemos destacar o *Show Opinião* encabeçado por João do Vale, Nara Leão e Zé Kéti no Rio de Janeiro em que João do Vale conta sua origem na pobre cidade de Pedreiras no Maranhão. Francisco Fuzzeti de Viveiros Filho, o Chico Maranhão que, com expressivas participações nos grandes festivais da TV Record nos anos 60 e 70, deu sua contribuição para a música Brasileira. E sem injustiças o mais atuante no Estado do Maranhão com diversas premiações estaduais, que fizeram de Carlos César Teixeira, o Cesar Teixeira, uma das maiores expressões da Música Popular Maranhense no período da Ditadura.

³ AQUILES, Fábio. **ONDE HÁ FOGO, HÁ MÚSICA**: a repressão militar nas décadas de 1960 e 1970 cantada e contada por cantores maranhenses. Monografia defendida em 2006 no Departamento do Curso de História da UEMA.

Alguns dos depoimentos tanto de Chico Maranhão como de César Teixeira são de extrema importância para viabilizar as análises e discussões da conjuntura musical do Maranhão em meio ao Regime Militar enriquecendo este trabalho. Neste contexto, nos propomos a analisar algumas canções cantadas por artistas maranhenses que foram de expressão significativa no cenário nacional e principalmente no Estado do Maranhão na época da Ditadura Civil Militar.

Analisando em aspectos gerais não há no Maranhão expressões tão acentuadas da ditadura como na região sudeste do Brasil. No entanto, alguns dos artistas maranhenses que tiveram a oportunidade de divulgar suas canções ao resto do Brasil tinham seus espaços e estavam presentes também na imprensa: “*O Maranhão é hoje uma das expressões mais conscientes da Música Popular Brasileira. Seu disco prepara e traz a marca das coisas verdadeiras e sem a mínima concessão*”⁴ (Folha de São Paulo 28 de maio de 1973).

JOÃO DO VALE: Das mazelas do sertão aos palcos cariocas

Nascido na cidade de Pedreiras no Maranhão em 11 de outubro de 1834, João Batista Vale desde pequeno se interessava pela música. Com uma condição financeira desfavorável, trabalhava para auxiliar no sustento da casa de ajudante de pedreiro na cidade natal. Em busca de novos horizontes João do Vale tenta a sorte na cidade de Fortaleza e depois em Minas Gerais onde trabalhou de garimpeiro até chegar na cidade do Rio de Janeiro onde se consolidou como um dos maiores artistas da MPB no Brasil.⁵

Neste sentido, vale destacar quais motivos levaram, não só João do Vale, mas boa parte dos nordestinos a tentarem novas perspectivas de vida no “sul”⁶ do país. Segundo ele, cantando uma de suas músicas de maior sucesso chamada *Carcará* no Projeto Adoniram em 1985, exibido pela TV Cultura no dia 05 de Julho de 2009⁷:

⁴ Disponível em: <http://www.chicomaranhao.com/>

⁵ PASCHOAL, Marcio. *Pisa na fulô mas não maltrata o carcará: Vida e obra do compositor João do Vale, o Poeta do Povo*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2000.

⁶ Expressão que alguns sertanejos usam para classificar a região sudeste.

⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=q7maikurkwI&feature=relmfu>

A estatística era essa: 1950,10% da População do Piauí viviam fora de sua terra natal, 13% do Ceará, 15% da Bahia, 17% de Alagoas. Enquanto isso, um colar com 40 pedras de águas marinhas brasileiras era dada a rainha Elizabeth.

Neste trecho João do Vale criticava a falta de estrutura das regiões Norte e Nordeste que a todo o momento exportavam mão de obra para a região sudeste. O carregado sentimento sertanejo, o amor pela terra natal expresso, a exemplo, na canção *Baião de Viola*, movimentava sua intuição musical a compor sobre sua terra, sempre imbuído de questões sociais, que em sua atual conjuntura, se apresentavam das formas mais diretas como a própria pobreza que vivia em Pedreiras. Segundo a cantora Amelinha, no documentário, *Mosaicos- A arte de João do Vale*, cita algumas revoltas do cantor com relação a sua escola: “*O João foi expulso da escola por que era preto, teve que da sua vaga para um filho de cobrador de impostos. Ele jogava pedra na escola e dizia que não voltaria mais pra lá*”.

No entanto, João também compôs sobre a falta de acesso a educação. Na música *Minha história*:

Seu moço quer saber
Eu vou contar num baião
Minha história pro senhor
Seu moço preste atenção

Eu vendia pirulito
Arroz-doce, mungunzá
Enquanto eu ia vender doce
Meus colegas iam estudar
A minha mãe tão pobrezinha
Não podia me educar

E quando era de noitinha
A meninada ia brincar
Vige, como eu tinha inveja
De ver o Zezinho contar
“O professor ralhou comigo
Porque eu não quis estudar”

Hoje todos são doutô
E eu continuo um João-ninguém
Mas quem nasce pra pataca
Nunca pode ser vintém

Ver meus amigos doutô
Basta pra me sentir bem

Mas todos eles quando ouvem
Um baiãozinho que eu fiz
Ficam tudo satisfeitos
Batem palma, pedem bis
E diz: João foi meu colega
Como eu me sinto feliz

Mas o negócio não é bem eu
É Mané, Pedro e Romão
Que também foi meus colegas
E continuam no sertão
Não puderam estudar
E nem sabem fazer baião.

O compositor contava sua história como vendedor de pirulito e arroz. Enquanto seus amigos iriam estudar, ele trabalhava. Porém a grande crítica que a canção expressava era exatamente no final da música em que escrevia que mesmo não estudando, sabia fazer baião mas e o Mané, Pedro e Romão que não estudaram e nem sabiam compor? Em depoimento ao livro *Pisa na Fulô, mas não maltrata o carcará?* O cantor e compositor maranhense Zeca Baleiro afirmou:

(...) O grande mérito de João era sua poesia, e ele não era um poeta previsível. Você pode imaginar um cara nordestino, tendo que falar das coisas pertinentes como a seca, o sertão, temas óbvios. A poesia do João tinha o drible da vaca, o algo mais. Nessa música “Minha história” ele podia simplesmente fazer um lamento contando a vida dele, mas não, no final ele dá uma rasteira. Fala assim, num dos versos mais bonitos da MPB: ‘...mas o negócio não é bem eu/ é Mane, Pedro e Romão/ que também foi meus colegas/ e continuam no sertão/ não puderam estudar/ e nem sabem fazer baião...’. (PASCHOAL, 2000 p.70).

Depois de ser reconhecido como cantor e compositor no Rio de Janeiro e com grandes amizades no meio musical (PASCHOAL, 2000), João do Vale foi convidado para participar do show que seria o maior de sua carreira. O *Show Opinião* no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1964, em meio ao “calor” da Ditadura Civil Militar. Zé Kéti, Nara Leão (que mais tarde seria substituída por Maria Bethania), João do Vale formaram uma das maiores manifestações teatro-musical da época. A forma como foi dirigido e apresentado o espetáculo tinha como alvo específico aproximar o

seu público ao momento político em que vivia o Brasil naquele momento apresentando da forma mais discreta possível, pelo receio da repressão dos militares. No entanto, a representação da musa da Bossa Nova (Nara Leão) o compositor nordestino (João do Vale) e o sambista carioca (Zé Kéti), expressavam suas diferentes realidades e os preconceitos adentrando especialmente nas mazelas sociais vivenciadas em três diferentes âmbitos sociais. João do Vale depois de cantar a primeira música do espetáculo *Peba na Pimenta* diz:

Meu nome é João Batista Vale. Pobre, no Maranhão, ou é Batista ou Ribamar. Eu saí Batista. Nasci na cidade de Pedreiras, rua da Golada. Modéstia à parte, a rua da Golada, hoje, chama rua João do Vale. Quer dizer, eu, assim com essa cara, só sou rua. (...) Tenho duzentas e trinta músicas gravadas, fora as que vendi. (...) Acho que as que são mais conhecidas do povo são as músicas mais assim só pra divertir. Elas interessam mais aos autores e às gravadoras. (...) Minha terra tem muita coisa engraçada, mas o que tem mais é muita dificuldade pra viver.⁸

Mais uma vez João expressa os problemas sociais do sertão, desta vez em forma dramatizada, o que foi frequente em todo o espetáculo. Neste contexto teatral/visual, Kátia Paranhos afirma que “*A estrutura geral do espetáculo era em forma de arena, não dispunha de cenários; tinha somente um tablado no qual os três “atores”,*”⁹. O que poderia se tratar também de uma forma de “driblar” a censura que sempre estava a postos. O formato do show também foi favorável a risos e gargalhadas (perceptivo no áudio) o que diminuía a distância entre o artista e o público que trazia consigo o caráter político e social expressado no *Show Opinião* através do entretenimento.

Em entrevista ao programa Literato o autor do livro *Pisa na Fulô, mas não maltrata o carcará? Vida e Obra do compositor João do Vale, o Poeta do Povo*, Marcio Paschoal¹⁰, afirma que João do Vale não tinha necessariamente noção do que era, na sua totalidade, o Show Opinião, e embora não fosse “burro”, como afirma seu produtor musical por anos, Zé Américo, não estava a par de quais seriam as possíveis consequências de exibição do show e do caráter político e social. Segundo Paschoal,

⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=O9fjaD3fhcM>

⁹ PARANHOS, Kátia Rodrigues Engajamento e intervenção sonora no Brasil no pós-1964: a ditadura militar e os sentidos plurais do show Opinião.

¹⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Je2OQkippZQ&feature=relmfu>

João nunca deu a música *carcará*, a exemplo, este sentido político que até hoje perpetuada como música de repressão, já internalizada pela sociedade ¹¹. Isto aconteceu com o próprio Chico Buarque ao afirmar que muitas de suas músicas não falavam necessariamente daquilo que a sociedade repressora queria que elas falassem. Todavia é unânime as afirmações dos amigos de João do Vale a cerca da sua capacidade e a sensibilidade de modelar e retratar as suas vivências em belas canções, não só para a sociedade maranhense, mas a retratação da realidade do povo brasileiro.

CENSURA: A arma do militarismo em detrimento da expressão cultural

Como já citamos acima os artistas maranhenses fizeram sua história no contexto musical da Ditadura no Brasil. No entanto antes de adentrar nas produções de Chico Maranhão e César e Teixeira, faremos uma rápida explanação de como atuava a censura tanto no Brasil como no Maranhão.

Em grande parte das produções musicais feitas tanto no Brasil quanto no Maranhão depois do AI-5, variadas vezes os artistas acabaram sendo vetados e muitos, para lançar suas canções, deveriam mudar letras e versos para concretizarem seus projetos e serem aceitos pela censura. Assim como afirmou Chico Maranhão:

O que a censura quer é calar o artista, ela tentou calar o artista, calar tudo o que vinha contrariar o status quo. Me sentei várias vezes diante de censores em vão, não liberaram minhas músicas” (10 de janeiro de 2006)¹²

Em entrevista ao “Estado de São Paulo” em 30 de Janeiro de 2005 Odete Lanzioti, funcionária aposentada da polícia federal e ex técnica de censura nos anos 70 relatou situações pelas quais teve que vetar músicas ou responder alguns processos por liberação de músicas que supostamente estariam abalando a moral do Estado:

“Muitas vezes, a gente reprovava a música, mas se sentia como se estivesse se prostituindo, porque não concordava com aquilo. Mas os censores tinham de ter o máximo de cuidado. Recebíamos muitas orientações que deviam ser seguidas. Quem aprovasse uma música que depois fosse reprovada em Brasília tinha de responder a processo interno”

¹¹ Em minha análise, João do Vale se importava com as questões sociais mas em sua essência, não deu à música, em aspectos gerais, o caráter repressor que muitos futuramente usaram a seu favor.

¹² Entrevista concedida ao Graduando de História Fábio Aquiles para conclusão de monografia.

Relatou também que chegou a responder processos por liberar algumas canções:

“Fui criada ouvindo o ditado, nem sabia que tinha um general Muricy (Antônio Carlos Muricy, um dos líderes do golpe militar de 1964). Mas respondi a processo e me defendi. Tive colegas que foram transferidos de cidade porque aprovaram letras que não deveriam ser liberadas.”

Fazia alusão a uma letra que falava sobre o *tempo de murici*. O ditado era: “*em tempo de murici cada um cuida de si*”. Não vislumbrando problema algum, liberou a música e foi convocada a responder processo. Obviamente estes aparelhos de repressão não se deu somente no aspecto musical, mas no teatral e também na imprensa. Chico Buarque afirmou, por exemplo, em entrevistas na produção do documentário *Muito além do cidadão Kane* que foi intimidado pela TV Globo afirmando:

“Nada se faz sem consultar o Roberto Marinho. É assustador! A censura proibia algumas músicas minhas, a censura que era oficial, do Governo, Agora a TV Globo se encarregou de ser mais realista proibindo meu nome.”¹³

Desta forma compreendemos a força da imprensa neste processo de censura não simplesmente pelo ato de censurar, mas pela repercussão de que se encarregava a imprensa em divulgar as produções censuradas.

CHICO MARANHÃO E CÉSAR TEIXEIRA: Dos grandes festivais nacionais ao Arthur Azevedo.¹⁴

Francisco Fuzzeti de Viveiros Filho, o Chico Maranhão estava nas décadas se 60 e 70 entre os grandes nomes da Música Popular Brasileira. Canções como *Descampado Verde*, *Mulher*, *Meu samba choro*, marcaram sua trajetória, no entanto *Gabriela*, seu maior sucesso, levou Chico Maranhão ao Festival da Record em 1967. Com uma expressão mais estadual, Carlos César Teixeira, o César Teixeira fazia e

¹³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kB5N45iMPwE>

¹⁴ O maior e mais importante Teatro de São Luís. Pela frequência de manifestações culturais no teatro na época, muitas vezes militares iriam assistir ensaios para garantir a legitimidade da censura.

divulgava suas canções no Maranhão sendo premiado em vários festivais estaduais e Ludovicenses. Cesar Teixeira teve suas canções gravadas por grandes artistas da Música Popular Maranhense como Papete, Alcione, Rita Ribeiro e outros. Recebeu prêmios nacionais no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, desta vez com poemas que também eram sua paixão¹⁵.

Dentro de um contexto social irão nos auxiliar nesta discussão os depoimentos feitos por César Teixeira e Chico Maranhão ao, na época Graduando de História da UEMA, Fábio Aquiles que colheu informações importantes que nos propiciou destacar alguns aspectos relevantes neste momento da música e ditadura no Maranhão.

Inicialmente fizemos alusão aos polos de repressão que no Maranhão não tinham tanta expressão nacional, o que não nos permite afirmar que foram de grande ou pequena intensidade no que se refere à posição militar a cerca das músicas produzidas no Maranhão. Em depoimento César Teixeira afirma:

Tanto na música, quanto no teatro, ou a música pra teatro tinha que passar pela censura prévia, aqui na Polícia Federal. A presença desse censor era constante nesse período, tanto nos ensaios gerais e shows de teatro que a gente fazia no Arthur Azevedo, ou em outro local, quanto na possível edição de um disco independente. Um certo dia do ano de 1975, fui chamado, em meio a um ensaio, por um policial e escoltado até a sala do censor por causa da música “Bandeira de aço”. (CESAR TEIXEIRA, JANEIRO, 2006)

A música *Bandeira de aço* foi uma composição fazendo referência aos dez anos de Ditadura e para não ser vetado pela censura, César Justificou:

“Isso aqui é sobre a Festa do Divino, que tem aquela bandeirinha no mastro. Você já viu a Festa do Divino? Aquela bandeirinha é feita de aço... de ferro. E aquela bandeirinha era realmente feita de ferro com um pano na frente. Mas não deu prá convencer o cara, que sugeriu o título ‘Bandeja de aço’. Até hoje tem lá, nos papéis da ditadura ‘Bandeja de aço’. Só que no show eu cantei ‘bandeira de aço, já que, geralmente eles iam no ensaio e raramente apareciam no show”

(CESAR TEIXEIRA, JANEIRO, 2006)

¹⁵ AQUILES, Fábio. (2006) Defesa de Monografia no Departamento de História da UEMA

A canção foi descrita por César fazendo alusão à própria censura e como João do Vale a mazelas como a fome e a miséria no Maranhão. No entanto afirmou que nem sempre foi possível “driblar” a censura já que, se tratando de composições, em diversas situações os compositores eram obrigados a suprimir trechos de músicas o que poderia ou não, perder todo o sentido ou mensagem que a canção eventualmente transmitiria (Aquiles, 2006). Cabe ressaltar que muitas das músicas foram esquecidas pelos compositores uma vez que, memorizá-las e não copiá-las, era uma forma de escapar da censura.

Dentro do contexto de críticas que João do Vale fazia a cerca das relações sociais e políticas, Cesar Teixeira também se mostrava diretamente ligado a elas, no entanto a censura também se apresentava de forma efetiva nas supostas ameaças a moral das classes dominantes quando cita “Donzelas de vidro” fazendo uma crítica a elite maranhense como, imunes de qualquer represaria por parte dos militares. Cesar afirma que provavelmente sua música não seria aceita pela censura uma vez que, além da crítica as elites ele destacava a televisão que influenciava e fazia apologia ao sistema de Governo.

“Uma moça de vidro / Está desaparecida do lar/ Pois a família e a polícia não querem/Que ela se case com homem qualquer/ Vou cantar o que sei pra multidão/ E o que não sei na televisão.”

(DONZELA DE VIDRO-César Teixeira)

Além destas acima, César faz referências aos conflitos de terra no Maranhão com as canções como *Aves de Rapina*, *Namorada de cangaço* e *Oração Latina*, pois conta César que grileiros e madeireiros de todas as partes do Brasil tinham total liberdade e incentivo para invadir as terras do Maranhão.

“As aves de rapina/ quando a terra secou,/ levaram a semente/ que um dia eu plantei/ com todo amor,/ e com saudade dela/ até o mandacaru chorou.”

(AVES DE RAPINA-César Teixeira)

Em *Oração Latina* César faz mais uma vez referência a Ditadura, no entanto, já em 1983 proclamando o fim das ditaduras na América e a expressão máxima do grito de Liberdade (Aquiles, 2006).

Essa nova oração/ é uma canção de vida/ pelo sangue da ferida no chão/ que não cicatrizará/ nem tampouco deixará/ de abrir a rosa em nossos corações/ e diga sim a que nos quer abraçar/ mas se for pra enganar diga não/ com as bandeiras nas ruas/ ninguém pode nos calar/ ninguém vai ser torturado/ com vontade de lutar/ e quem nos ajudará a não ser a própria gente/ pois hoje não se consegue esperar/ somente a rosa e o punhal/ somente o punhal e a rosa/ poderão fazer a luz do sol brilhar/ e diga sim a quem nos quer acolher/ mas se for pra nos prender/ diga não/ ninguém vai ser torturado/ com vontade de lutar/ com as bandeiras nas ruas/ ninguém pode nos calar.

(ORAÇÃO LATINA- César Teixeira)

CONCLUSÃO

João do Vale, com suas canções expressando o amor que tinha pelo sertão, pelo nordeste e por sua terra Natal, mas sem se envergonhar de sua origem humilde, encontrou na música a sua maior trunfo para expressar suas indignações e alegrias. Chico Maranhão que ao lado de grandes nomes da Música Popular Brasileira conquistou o Brasil com *Gabriela* e outros sucessos. E César Teixeira, que no berço na Ditadura do Maranhão, fez como tantos outros compositores perseguidos pela censura “driblassem” os militares para que, além de divulgar seu trabalho, alcançaria na música a necessidade de tornar público e evidenciar as mazelas sociais, políticas e culturais existentes na sociedade Maranhense depois do AI-5.

As letras aqui analisadas faziam parte de um conjunto de centenas de canções que auxiliavam e compunham um projeto de tentativa de barganha da liberdade de expressão não só no Rio de Janeiro e São Paulo, mas também no Maranhão. Os conflitos de terras, as críticas a uma sociedade maranhense elitista pautada na imposição dos militares ressaltados por César Teixeira, fazem do Maranhão um berço de repressão cultural significativo no cenário nacional, denunciando através da música as indignações de parte da população que carregava consigo o peso da falta de liberdade de expressão.

Dessa forma, todos os artistas citados acima não se calaram diante das repressões e de uma forma cautelosa e inteligente carregaram e fizeram da sociedade maranhense um importante aparelho de Repressão da Ditadura Civil no Maranhão.

REFERÊNCIAS

AQUILES, Fábio. **Onde há fogo há música**: a repressão militar nas décadas de 1960 e 1970 cantada e contada por cantores maranhenses. Monografia defendida em 2006 no Departamento do Curso de História da UEMA.

DAMAZO, Francisco, *Se o moço quer saber minha história seu doutor me dá licença eu vou contar* (2008) Centro Universitário Toledo (UNITOLEDO) **XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências**

GOMES, Dias. **O engajamento é uma prática de liberdade**. *Revista Civilização Brasileira*, Caderno Especial, n. 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 7.

OLIVEIRA, Sírley Cristina **Grupo Opinião: experiência estética e política dos musicais na década de 1960** Universidade Federal de Uberlândia – UFU Centro Federal de Educação Tecnológica de Morrinhos _ CEFET-GO

PARANHOS ,Fernanda Mendes, **“Show opinião”:** Teatro e Música de um Brasil subjulgado.

PARANHOS, Kátia Rodrigues ,**Engajamento e intervenção sonora no Brasil no pós-1964: a ditadura militar e os sentidos plurais do show Opinião**1 Universidade Federal de Uberlândia – UFU **XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências**

PASCHOAL, Marcio. *Pisa na fulô mas não maltrata o carcará*: Vida e obra do compositor João do Vale, o Poeta do Povo. Rio de Janeiro: Lumiar, 2000.

SHOW OPINIÃO. Rio de Janeiro: Polygran, 1994, CD.

<http://www.chicomaranhao.com/> Site Chico Maranhão

<http://www.youtube.com/watch?v=q7maikurkwl&feature=relmfu> *Carcará no Projeto Adoniram* em 1985, exibido pela TV Cultura no dia 05 de Julho de 2009

<http://www.youtube.com/watch?v=O9fjaD3fhcM> Depoimento de João do Vale “Show opinião”

<http://www.youtube.com/watch?v=Je2OQkippZQ&feature=relmfu> Entrevista ao programa Literato

<http://www.youtube.com/watch?v=kB5N45iMPwE> Entrevista Chico Buarque

